

Pobre menina chola¹, de María Martínez Pineda

*Consuelo Alfaro Lagorio
María Fernanda Gárbero
Leticia Rebollo Couto*

O sol brilhava sobre os muros e os vinhedos da fazenda e entrava por entre as grades torneadas das grandes janelas coloniais. O senhor preparava o pagamento dos peões na sua mesa. Enquanto isso, no corredor, a indiazinha Benícia esperava estonteada com a sua panelinha de barro, onde costumava levar o leite de sua cabritinha pra vender no mercado da fazenda. O senhor viu e chamou:

– Oi, menina! Você está aí? Entra!

E uma vez que ela estava ali bem perto, toda assustada e tremendo, ele disse com sua voz arrogante.

– E então, vejamos, mulambenta, quando é que você faz quinze anos?

– Eu... eu não sei... senhor... minha avozinha Catarina... diz que... lá pela semana da Páscoa eu faço onze...

– Você já não está tão verde, insinuou tendencioso, o senhor – Quer vir aqui comigo? Vem, chega perto!

A indiazinha pequenina e frágil, numa suave ondulação infantil que marcava sua pele cor de cobre e seu corpinho de menina vestido com um tecido humilde, se desculpou temerosa.

– Eu vinha... aqui senhor... pra ver se o senhor quer leite... minha cabritinha malhada deu hoje cinco tachos cheinhos.

1 “Chola”, nome genérico das mulheres indígenas mestiças, *não brancas*, em países andinos (Equador, Peru, Bolívia e norte do Chile entre falantes de *quechua*).

– Bom, traz aqui, só porque você precisa. Vou dar aos meus cachorros. São cinquenta centavos. Toma aqui.

E o senhor estendeu a mão de forma sensual e imperiosa com a intenção maliciosa de agarrá-la.

– Vem logo, que eu tenho muito que fazer!

A indiazinha se aproximou toda encolhida como o cão que espera uma surra.

Uma grande gargalhada soou forte nas suas costas e isso fez com que ela desse um pulo pra trás, que nem boneco de mola em caixinha de surpresa.

Era um velho e bom amigo do patrão que com seu grande chapéu senhorial de palha fina, suas altas botas de montaria e seu *poncho* de fios de linho listrado², acabava de chegar do sítio vizinho.

A cena que poderia ter visto o encheu de encanto e de certa inveja jocosa e ele caiu na gargalhada.

– Ah seu diabo! gritou logo a seguir com sua arrogância senhoril – onde foi que você encontrou esse projeto de Eva? Com certeza você negociou com aquela bruxa velha da avó dela.

– Aaah! Não tem bruxa nem avó. É de graça. Ela vem com a sua presença e eu acolho benévolo. E assim fica tudo bem tudo bom. Tudo bem bom. Simples assim. Essa bichinha anda atrás de mim desde os seis anos.

Quando a menina saiu pelo portão de ferro da fazenda, elevou ao céu esplêndido de sol e de azul o cristal húmido de seus olhos, no fundo dos quais a vida, que não podia refletir-se em ideia, adormecia em forma e em cor, como um bloco em estado bruto.

Um peão da fazenda que vinha trazendo seus porcos lhe disse lisonjeiro³,

2 Referência ao personagem nacional “el Chalán”, cavalheiro *de fina estampa* proveniente da oligarquia “costenha” do Peru, imortalizado na canção popular da canta-autora peruana Chabuca Granda, intitulada “José Antonio” (1957). Como se lê nos seguintes versos: *Por una vereda viene cabalgando José Antonio, (...) / en un bere-bere criollo va a lo largo del camino / con jipijapa, pañuelo y poncho blanco de lino.(...) / ¡Qué hermoso que es mi chalán! / Cuan elegante y garboso sujeta la fina rienda de seda, bere-bere.*

3 Traduzimos “ladino” como “lisonjeiro pois na definição colonial, *indio ladino* é o que sabe latim o que estudou. Hoje, no sentido comum peruano, se entende como o índio sabido, envolvente pela *sua palavra*.

– Ó Benícia... já tá na hora da gente se casá... Se quisé eu deixo a Dominga no rancho da fazenda e a gente vai pras banda de lá... pr'um outro rancho que eu tenho lá... se quisé...

Benícia resmungou alguma coisa fazendo cara de muxoxo e continuou caminhando com a sua cabritinha.

Sob o sol da manhã, chegava o saboroso cheiro dos vinhedos e o aroma perfumado das árvores floridas e dos jasmims. A fruta silvestre deixava à beira do caminho o maná divino dos campos pródigos. E entre as ramas frondosas das árvores, arrulhavam seu idílio as rolinhas, os pardais e os pintassilgos, enquanto teciam seus ninhos com o liame suave e dourado, filamento das colheitas.

Um viajante que vinha a passo firme com seu cavalo acinzentado, espumando de suor, abordou a menina já na entrada do seu casebre.

– Aqui... teu pai vende? aguardente em garrações?

A indiazinha olhou com receio para o forasteiro... Seria ele um salteador de caminhos? O enorme chapéu de montaria escondia um endurecido rosto moreno com dois olhos desconfiados e ferinos; as mãos escurecidas pelo sol e pela terra apareciam, sorrateiramente, sob o seu *poncho* de lã de vicunha⁴. O perfil e a postura daquele forasteiro tinham algo de felino, os gestos e sua forma de montar tinham um quê de desconfiança e ressaibo.

A indiazinha respondeu com um tom servil.

– Meu paizinho morreu. Vozinha Catarina vendeu tudinho.

– E vendeu por quanto?

– Num sei... foi pouquinho.

– Quando foi que ela recebeu o dinheiro?

– Amanhã ela vai trazê... ela mesma... da vila.

– Ah! Então... em qual casa você mora?

– Aquela lá no meio dos espinho... bem ali.

– Bom, eu vou voltá numa dessas noite por aqui... Gostei d'ocê indiazinha.

O forasteiro bateu nas ancas do cavalo, deu meia volta e se foi. Benícia ficou pensando.

4 O *poncho* de lã de vicunha, marca a origem andina do personagem, mais escuro, vestido com a lã de um animal arredio da serra (a vicunha é mais selvagem do que a lhama, mais doméstica). A vicunha não é um animal da costa ou dos vales peruanos, onde está situado o cenário do conto, marcando que este personagem vem de fora, vem da serra.

– Esse daí é o chefe do bando de ladrão que tá robanu por aqui...eu vi ele quando robaram lá no rancho do tio Lucas.

Benícia se esqueceu dos ladrões e ficou com medo da vida.

De repente, no seu silencioso caminho da infância aparecia malicioso e maligno o Deus da puberdade lhe assediando. Viu-se ameaçada e pressentiu com uma passiva dor de insignificante bichinho a humilhante dor de ser submetida. Se ao menos pudesse chegar a ser mulher por carinho!

Lá vinha a sua avó Catarina montando, sacolejando e se segurando firme em seu burrinho, carregado de capim fresco para as cabras.

Atrás dela, o peãozinho Manuel vinha carregando sua enxada no ombro, sentindo-se já um homem na plenitude tropical dos seus catorze anos, sonhava, há dias, com o beicinho e os pés descalços de Benícia.

O rapazinho com seu chapéu de palha desfiado, sua calça de brim amarrada à cintura com uma corda fibrosa, sua camisa listrada, livre, com os pés descalços, vinha assoviando uma toada de sua terra, de Ica⁵.

Ele, então, ajudou a avó descer do burro, descarregando suas coisas, e disse a Benícia:

– Me traz uma cuia d’água – tô seco de sede. Cê qué?

Benícia trouxe a agua e, enquanto ele bebia de costas, ela beirava teimosa a barra do vestido e arranhava a terra com as unhas de seus pés descalços, dando sinais de seu nervosismo.

Manuel devolveu a cuia, apertando, sutilmente, os dedos trêmulos de Benícia. Eles estavam se entendendo.

A mímica é a suprema oração dos ignorantes: como a luz que cala ao fecundar, como a flor, como a montanha.

Benícia entrou com a cuia, para não ficar parada e, ao ir, a saia, assim como ela, revoava nervosa ao redor das pernas nuas, vermelhas como a argila com que os ceramistas modelam suas ânforas.

5 “Ica” é uma cidade do centro sul do Peru, situada num vale estreito formado pelo rio Ica, nas ladeiras ocidentais da Cordilheira dos Andes, localidade de onde é proveniente o peãozinho Manuel.

Manuel foi esperá-la à beira do caminho.

E ela, enganando o mundo, foi com seu avental repleto de grãos para distribuir no galinheiro.

– Ontem à noite sonhei que comprava para você um vestidinho novo pra Páscoa, que é teu aniversário, disse ele sem olhar para ela, entretido em quebrar os gravetos secos da cerca de vime que ficava na frente do casebre.

– E pra quê isso?

– Pra quê que vai sê?... e eu sonhei... que eu comprava procê um burrinho gordo e grande, com freio e esporas prateadas – e então, a gente ia pra procissão da Páscoa... cê bem contente... e bem contente eu... e o burro tamém, bem contente, carregano nós dois.

Benícia estava tão vermelha ou mais do que a flor da romã e cheia de pudor mexia na terra e revirava os grãos dourados do milho que levava na saia.

– E quando é que nós vamo vivê assim?

– Tô te dizeno assim, com o coração perdido... tudinho assim... tão cheio e doce e...

– E eu com o meu... tamém

– Vambora nós dois assim com nosso burrinho.

– Faiz a casa... então.

– Tem lá no córrego grande do vinhedo, da fazenda, uma ponta de cana madura pra fazê o nosso rancho... Eu vô i lá de noitinha e vou cortá ela todinha. E vou metê o machado naquela árvore bem grande... de acácia... aquela que meu pai deixô de herança... e com ela vou fazê o teu rancho... Benícia!

– E vamo marcá as cabaça pra água... e cê vai levá a tua cabritinha... e eu vou te comprá o burrinho... e um porquinho... e galinhas... e passarinhos que cantam... e um jardinzinho como esse daqui... e...

Sem perceber estavam de mãos dadas, e um contra o outro, apertando seus lábios.

– Vai ser logo?

E ele jurou, com os lábios selados pelo alento supremo do amor mais forte que a morte.

– Vai ser pra sempre.

Se despediu dela rapidamente para poder arranjar tudo, e roubar a cana naquela noite mesmo, derrubar no dia seguinte a árvore de acácia centenária e em oito

dias construir o rancho pra levar a sua Benícia, sem licença da avó, nem do padre, nem do sacristão, que seriam notificados depois, quando fosse possível celebrar o casamento. A sua Benícia, a sua amada a sua santa mulherzinha predestinada.

Epílogo

Quatro dias depois a notícia que corria pelos casebres da fazenda era sinistra. A vó Catarina tinha sido assassinada no meio da noite e roubada. Levaram o dinheiro que ela tinha recebido de uma pequena venda de aguardente. Além disso, seu rancho tinha sido incendiado, e sua neta Benícia raptada pelo chefe dos salteadores.

(Lima 2, 5/2/1926)

*

Pobre cholita⁶

El sol esplendía sobre las tapias y los viñedos y se metía por las rejas torneadas de los ventanales coloniales de la hacienda.

El señor hacía planillas de peones en su escritorio y en los corredores esperaba atontada la cholita Venicia, cargada con su olletita de barro en que solía llevar la leche de su cabrita al mercado de la hacienda.

Descubrió el señor y la llamó:

– ¡Hola! muchacha! ¿Ahí estás? ¡Entra!

Y una vez que la tuvo cerca toda asustada temblorosa la dijo con su natural desplante.

– Y bien, veamos, arrapieza, ¿cuándo cumples los quince años?

– Yo señor... no se... miagüelita Cata ice... que por la pascua cumpliré once...

6 Cf. MINARDI, Giovanna. *Cuentas. Narradoras peruanas del siglo XX*. Lima: Ediciones Flora Tristan/Santo Oficio, 2000.

– Ya no estás tan verde, argulló tendencioso el amo - ¿Quieres venir conmigo? Acércate!

La indiecita pequeñina y endeble en una suave lineación infantil en sus carnes cobrizas vestidas de percal humilde se excusó temerosa.

Yo venía... señor... a ver *siusté quie* leche... La cabra pinta ha *dan* hoy cinco jarros llenitos.

Bueno, traelos, porque los necesitas. Se los darán a mis perros. Son cinco reales. Tómalos.

Y tendió la mano el amo sensual e imperioso con el mal deseo de cogerla. ¡Anda ligero! que tengo mucho que hacer.

La cholita se fue acercando casi a rastras como el can que espera una paliza.

Una gran carcajada que sonó a su espalda la hizo saltar como una muñequilla de sorpresa.

Era un buen amigo del patrón que con su gran sombrero de jipijapa, sus altas botas de montar y su poncho de hilo listado acababa de llegar del fundo cercano.

La escena que pudo sorprender lo llenó de encanto y envidiosa burla y explotó en carcajadas.

– ¡Ah diablo! gritó enseguida con desparpajo señorial – De dónde te has sacado esa Eva en ciernes. ¡De hijo que se la has negociado a la bruja de su abuela!

– ¡Quiá! ni hay bruja ni hay abuela. No me cuesta nada. Ella trae su gracia. Yo la acojo benévolo y así andamos en gloria. Y es así. Esta bestezuela me sigue desde que tenía seis años.

Al salir la muchacha por el portalón férreo de la hacienda elevó al cielo espléndido de sol y de azul, el cristal húmedo de sus ojos en cuyo fondo, la vida que no podía reflejarse en idea, dormía como en forma y en color como un block en bruto.

Un peón de la ranchería que venía arreando su piara la abordó ladino.

– Oye Venicia... ya está güeno pa casarnos... Si quieres tú, dejo a la Dominga en el rancho e la hacienda y los dos nos vamos al'otra banda pal otro rancho millo... si tú quieres.

Venicia refunfuñó algo haciendo hocico y siguió con su cabrita adelante.

Bajo el sol de gloria de la mañana venteaba el rico olor a sombra de los viñedos y el aroma de los suches y jazmineros de los caminos. La fruta silvestre ponía a la vera el maná divino de los campos pródigos. Y entre la fronda arrullaban su idilio la cuculíes, los gorriones y los pitirres, mientras tejían sus nidos con liana suave y dorada brizna de los sembríos.

Un viajero que iba a paso bríoso de su caballo tordillo bañado en espumoso sudor abordó a la chica frente al vallado de su casucha.

– Oye pues... ¿tu taita no vende aguardiente por botijas?

La cholita miró con recelo al forastero... ¿Sería un bandolero de los caminos? Bajo el enorme sombrero de montar se disimulaba un duro rostro moreno con dos ojos recelosos y fieros; las manos prietas de sol y tierra apenas asomaban bajo su poncho de vicuña, el escorzo espinal tenía algo felino, el gesto en toda la línea era receloso y malero.

La indiecita respondió con acuosidad servil.

– Mi taita ta dijunto. Mi agüelita Cata vendió toiíto su aguardiente.

– ¿En cuánto lo vendió?

– Yo no sé es poquito.

– ¿Cuándo recibió el dinero?

– Mañana lo traerá ella mesma del pueblo.

– Ah!... ¿y cuál es tu rancho?

– Ese questá entresos tunales... Allacito no má.

– ¡Bueno! ¡Ya vendré una noche destas. Meas gustau chola!

El forastero volvió gurupas y Venecia se quedó pensando.

– Eses el jefe ela partía e ladrones quianda por toos los caminos... yo lo vide ya cuando robaron en el rancho de tío Lucas.

Venecia se olvidó de los ladrones y le temía a la vida.

De pronto, en su callado sendero de infancia aparecía malicioso y maligno el Dios de la pubertad asediándola. Se vio amenazada y presintió con un pasivo dolor de bestezuela el humillante dolor de ser sometida. ¡Si siquiera llegara a ser mujer por cariño!

Allá venía la abuelita retrepada en su asno cargado de yerba fresca para las cabras.

En pos de ella, caminaba con su lampa al hombro Manolillo, el peoncito que sintiéndose ya hombre en la plenitud tropical de sus catorce veranos soñaba, hacía días, con el hociquito y los pies desnudos de Venicia.

El muchacho con su sombrero de macora deshilachado, el pantalón de dril amarrado al talle con una cuerda totora, la camisa de listadillo, libre, el pie desnudo, venía silvando un aire de la tierra iqueña.

Ayudó a descargar a la abuela y dijo a Venicia.

– Traéme un mate diagua – vengo seco’e sé... ¿tú quieres?

Venicia trajo el agua y mientras é bebía de espaldas, ella orillaba porfiada la orla de su veste y hurgaba la tierra con las uñas de su pie desnudo, señal de que estaba muy atontada.

Manolillo le devolvió el mate oprimiéndole al paso los dedos trémulos. ¡Se entendían!

La mímica es la suprema oración de los ignorantes: como la luz que calla cuando fecunda, como la flor, como la montaña.

Venicia entró con el mate, por hacer algo, y al ir, la falda la revolaba nerviosa, como ella, alrededor de las piernas desnudas, rojas como la arcilla con que hacen sus ánforas los alfareros.

Manolillo fue a esperarla a la vera del camino.

Y ella engañando al mundo fue con el pollerín harto de grano para desparamarlo en el gallinero.

– Anoche me soñé que te compraba un tapillo nuevo pa la pascua... que es tu santo... le dijo él sin mirarla entretenido en quebrar la zarza seca del vallado.

– ¿Y pa qué pues?

– ¿Pa qué sería?... y soñé que te compraba un borriquillo gordo y grande con freno e plata – y nos íbamos a la procesión... tan contenta tú... tan contento yo... y el burro tan contento con lo dos encima.

Venicia estaba más roja que la flor del granadero y todo pudorosa, hurgaba la tierra y revolvía los granos dorados del maíz que llevaba en la falda.

– ¿Cuándo vamos a dir... así?

– Te lo digo yo con el corazón perdío... toíto lleno e dulce y...

– Con el corazón millo... tamien...

– Iremos en un borriquillo los dos.

– Hace el rancho... pues.

– Hay allá en la acequia grand'en la viña, e la hacienda una punta e caña madura pa'cer el rancho... Iré a media noche y la cortaré toíta. Y hacharé ese guarango viejo que me dejó mi taita en herencia y haré tu rancho... ¡Venicia!

Y marcaremos porongos pal agua... y llevarás tu cabrita... y te compraré con el asno un chanchito... y gallinas... y palomas cantoras... y un jardinillo comueste... y... Insensiblemente habían cogido las manos y unido los bustos... y apretando uno con otro, sus labios.

– ¿Será pronto?

Y él, le juró con los labios sellados por el hálito supremo del amor más fuerte que la muerte.

– Será siempre.

Se despidió de ella para ir en ese propio instante a disponerlo todo para robar la caña esa misma noche, derribar al siguiente día el guarango centenario y dentro de ocho días construir un rancho y llevarse a él, sin el permiso de la abuela, del cura ni del sacristán, que serían notificados después, cuando fuera posible celebrar la boda, a su Venicia, a su amada a su santa mujercita predestinada.

Epílogo

Cuatro días después corría por la ranchería de la hacienda una nueva siniestra:

La abuela Cata había sido asesinada en la alta noche para robarle el dinero que obtuviera de una pequeña partida de aguardiente. Además, su rancho había sido incendiado, y su nieta Venicia raptada por el jefe de los bandoleros salteadores.

(en *Lima* 2, 5/2/1926)

*

Nota das tradutoras

Com uma biografia esquecida pela crítica de seu tempo, a data e local de nascimentos de María Martínez Pineda são desconhecidos. Sobre ela, sabemos

que é uma escritora peruana que publicou seu primeiro livro em 1923, a novela de costumes *Cumbre Nevada*. Em 1944, publicou *Oro en polvo*, sobre a força dos indígenas, e *Resinas: poemas episódicos. El Perú en imágenes y evocaciones*, em 1960. Além de seus romances, contos e poemas, fundou a revista literária “Lima, semanario ilustrado de temas sociales, literatura y arte”, em 1926. O conto “Pobre Cholita” integra a coletânea *Cuentas. Narradoras peruanas del siglo XX*, organizada pela professora italiana Giovanna Minardi, publicada pelo Centro de la mujer peruana Flora Tristán e pela editora El santo oficio, em 2000.